

EU, EU MESMO E OS OUTROS: NOTAS SOBRE O DESCENTRAMENTO E AS ENCENAÇÕES DO *SELF* NO ORKUT®

Iris Ferreira de França¹

José Roberto Guerra²

Marcos A. F. Oliveira³

Fernando Gomes de Paiva Jr.⁴

Nelson da Cruz M. Fernandes⁵

Resumo: O estudo busca compreender os discursos presentes nas vivências ordinárias no *Orkut* de dois jovens universitários por meio da categoria de *formação discursiva* advinda da Análise do Discurso. Para tanto, observamos o seu comportamento no ambiente do site, suas experiências com as comunidades e amigos “virtuais”. Nas comunidades virtuais, dispõem-se de condições tecnológicas para construção um lugar de fala a partir do qual podem se reconhecer e serem reconhecidos como sujeitos. A utilização de *softwares* sociais como *Orkut* como espaços de encenação do sujeito contribuem para a construção de identidades no ciberespaço. Esse tipo de *software* convida a uma “apresentação de si” por meio de imagens, da criação de redes de “amigos” e da possibilidade de encenação de um *eu* continuamente [re]construído.

Palavras-chave: formação discursiva, identidade, ciberespaço, *Orkut*.

1. Login

C.M. tem 24 anos e é estudante do último ano de medicina. Utiliza o *Orkut* há quase cinco anos. Namora, estuda, pratica atividades físicas, além de conviver com a família e com amigos. Sua família não apóia seu namoro, mas as trocas de mensagens afetuosas são explícitas no seu perfil. Da mesma forma, o contato com a família do seu namorado é amplamente vivenciado no ambiente virtual ora cumprimentando suas cunhadas, ora investigando os passos do cunhado indesejado. As turmas do colégio, da universidade, dos amigos do Conservatório de Música e da Escola de Frevo se

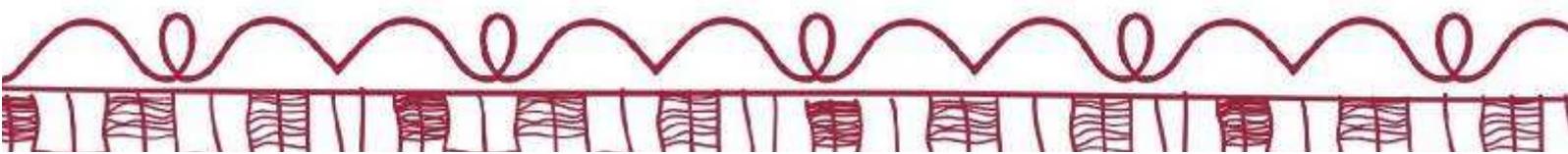
¹ Mestranda em administração pela PROPAD-UFPE e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inovação, Tecnologia e Consumo – GITEC. irisdefranca@gmail.com

² Mestrando em administração pela PROPAD-UFPE e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inovação, Tecnologia e Consumo - GITEC. j.roberto.guerra@gmail.com

³ Mestrando em administração pela PROPAD-UFPE e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inovação, Tecnologia e Consumo - GITEC. marcosdefarias@gmail.com

⁴ Doutor em administração, professor adjunto e pesquisador da UFPE. É líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inovação, Tecnologia e Consumo - GITEC. fernando.paivajr@pq.cnpq.br

⁵ Doutorando em administração pela PROPAD-UFPE. É integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inovação, Tecnologia e Consumo - GITEC. cruzfernandes5@yahoo.com.br



sobrepõem, resultando num mosaico de pessoas as mais diversas possíveis agrupadas sobre a insígnia de “Amigos”. Suas poucas comunidades refletem interesses e gostos às vezes paradoxais entre o novo e o velho, o elitista e o popular, binarismos que no ambiente virtual convivem pacificamente sem alterar a ordem “natural” das coisas.

A.F. tem 21 anos e é estudante do curso de Engenharia Civil (“período fatorial”). Utiliza o *Orkut* há cerca de quatro anos. Namora, estuda e joga vôlei nos fins de semana. Mora a cerca de 300 metros da casa de sua namorada, mesmo assim comunica-se sistematicamente com ela pelo *Orkut* e *MSN Messenger*. Também é um leitor assíduo de mangá. Suas comunidades no *Orkut* (cerca de 180) se dividem em comunidades sobre atividades (vôlei, universidade, profissão, entre outras) e comunidades “*for fun*” (meu cabelo me odeia; eu amo comida de pobre), que constituem sua maioria. Todos os recados deixados por “amigos” são apagados, exceto os de sua namorada. Embora não defina “quem sou eu” na página inicial de seu perfil, sua foto e seus vídeos denunciam sua predileção pelo Sport Club do Recife.

A partir desses perfis exibidos no *Orkut*, buscamos compreender os discursos presentes nas vivências ordinárias no ambiente da cibercultura. Para isto, partimos do pressuposto de que o descentramento do sujeito pós-moderno e a crise da identidade (cf. HALL, 1999) marcam em definitivo um problema levantado com o desenvolvimento da psicanálise e com a crise da filosofia. Alertamos para a necessidade de desconstruir a crença de que a multiplicidade identitária só existe no ciberespaço, destacando que sempre existiram identidades múltiplas que se apresentam ao sujeito de maneiras diferentes. Todavia, é no ciberespaço que essas identidades múltiplas encontram o espaço propício para sua encenação (SANTAELLA, 2004).

Esses espaços foram ampliados com a difusão de softwares sociais (*Orkut*, *MySpace* e *Facebook*) que tem vindo a ganhar um grande impacto na estruturação da vida socioafectiva dos jovens. (RALEIRAS, 2007, p. 115). O *Orkut* constitui um desses “novos espaços de encenação” promovidos pelo ciberespaço. Em abril de 2008, foram realizados mais de 15 milhões de acessos⁶.

Nesse contexto, cabe refletirmos sobre os discursos presentes no ciberespaço que influenciam na ocupação de “posições de sujeito” afinadas com determinadas “comunidades”, como no *Orkut*. Santaella (2004) indica que no ciberespaço a ação e a

⁶ FOLHA ON LINE. Audiência do *Orkut* cai 34% na América Latina. *Folha On Line*. 19 jun. 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u414087.shtml> Acesso em: 15 jul. 2009.

encenação do sujeito descentrado e o desenvolvimento dessa multiplicidade de identidades encontram uma gama de possibilidades. O descentramento expõe as várias posições de sujeito que na contemporaneidade são constituídas a partir da sobreposição das esferas pública e privada que delimitam os campos discursivos constitutivos dos diários virtuais.

O perfil do *Orkut* representa um sujeito que almeja formar uma identidade única, tornar-se um sujeito singular. Um usuário que coleta, a partir da memória interdiscursiva disponibilizada pelas comunidades, elementos capazes de constituí-lo como sujeito (FRAGOSO, 2006). Buscamos com o presente estudo, compreender os discursos presentes nas vivências ordinárias no *Orkut* de dois jovens universitários por meio da categoria de *formação discursiva* advinda da Análise do Discurso. Para tanto, observamos o seu comportamento com o ambiente do site, suas experiências com as comunidades e amigos “virtuais” norteados pela seguinte questão: **como são constituídos os discursos presentes nas vivências ordinárias de jovens no *Orkut*?**

2. Tecnologia e Sociedade: notas sobre o sujeito no ciberespaço

O pensamento de Heidegger oferece uma compreensão para o entendimento da interação homem-máquina na medida em que reconhece o papel da mediação tecnológica na formação dos nossos modos de engajamento com o mundo. Para o filósofo, conceber tecnologia apenas como algo neutro e, portanto, subserviente a outras esferas, é ignorar o papel que a tecnologia desempenha na remodelação das nossas relações em todas as outras esferas sociais. Mais do que esta ou aquela máquina ou dispositivo, a tecnologia deve ser analisada através da forma pela qual trabalha para provocar uma mudança ontológica. Este reconhecimento é essencial como um meio para desenvolver uma relação crítica com a tecnologia – dizer sim ou não para a tecnologia (COOPER, 2002).

A técnica estende atualmente o seu domínio sobre toda a experiência. O pressuposto de que a sua natureza é essencialmente instrumental, está a ser posto em causa pela proliferação das tecnologias digitais que constituem um novo desenvolvimento dos dispositivos técnicos (KRÜGER; CRUZ, 2009).

2.1 O descentramento do sujeito e os novos espaços de encenação

O que está em questão na ocupação do ciberespaço é o delinear de novas formas de corporeidade e de intersubjetividade que exigem repensar as possibilidade de telepresença, que deslocam as clássicas distinções presença/ausência e

proximidade/distância, criando modos de existência (avatars) que co-habitam e interagem num espaço imaginário, contíguo, com representações de outros indivíduos. Nesse sentido, o lugar comum em torno do problema do ciberespaço é que a realidade é virtualizada, então, em vez da presença de carne e osso do *Outro* nós temos uma aparição espectral digitalizada, perdemos então os últimos pontos de contato com o *Outro* materializado (ZIZEK, 1997).

A Realidade Virtual (RV) induz estados de subjetividade que não podem ser reduzidos às oposições binárias mente/corpo ou eu/outro, proporcionando estados alterados de consciência tais como os provocados por narcóticos ou drogas alucinógenas, o que não constitui necessariamente a procura de uma dimensão transcendental exterior, mas que exploram ‘interioridades fractais’ (GROMALA, 2006). Atualmente, o próprio conceito de identidade única, geralmente adotado para mapear os contatos *on-line*, mostra-se em processo de reavaliação de sua aplicabilidade, adotando-se ao invés disso noções que contemplem uma ‘estrutura plural do sujeito’. (RIBEIRO, 2005).

A possibilidade de vivenciar papéis virtuais múltiplos está inserida em diversos aspectos da vida cotidiana. A questão consiste no fato de que a estrutura plural do sujeito teria sua manifestação caracterizada (e acentuada) não apenas pela representação de vários papéis efetivados de forma seqüencial, mas também pela possibilidade de vivenciar distintos papéis (com suas respectivas caracterizações) de forma simultânea, descentralizada e não hierarquizada (RIBEIRO, 2005).

Por outro lado, Santaella (2004) chama a atenção para o fato de que quando alguns teóricos e comentadores sobre a cibercultura tecem longos discursos sobre as identidades múltiplas que germinam nos ambientes ciberespaciais, são ainda as miragens do ego unificado que estão alimentando esses discursos, como se houvesse uma separação nítida entre a realidade fora do ciberespaço habitada por sujeitos unos e a realidade simulada do ciberespaço na qual proliferam identidades múltiplas. Para a autora, tal separação só pode ser sustentada sobre a ignorância de mais de um século de rupturas das tradicionais noções de sujeito.

A novidade não está na transformação de identidades unas em identidades múltiplas, pois a identidade humana é, por natureza, múltipla. O novo está, sim, em tornar essa verdade evidente e na possibilidade de encenar e brincar com essa verdade, jogar com ela até o limite da “transmutação identitária” (SANTAELLA, 2004). A autora

conclui: “a instabilidade que é constitutiva do eu e da subjetividade só encontrou no ciberespaço vias propícias de encenação e representação” (p. 52).

Raleiras (2007) percebeu que a utilização de *softwares* sociais como Orkut, o Hi5, o Myspace e o Facebook tem ganhado cada vez mais espaço na estruturação da vida sócio-afetiva dos jovens. Esse tipo de *software* propicia uma “apresentação de si” por meio da seleção de imagens e da criação de redes de “amigos”. Esse tipo de construção foi eleito como um dos mais populares espaços de encenação do sujeito. Nesses casos, não se trata de criar personagens virtuais como os avatares, mas de construir a sua própria **identidade on-line**, selecionando o que se mostra e o que se omite no perfil.

Em nosso dia-a-dia, é demandado de nós que tenhamos uma vida pública virtual e é cada vez mais difícil escapar a essa exigência. Para a autora, é apenas por meio da aceitação do pressuposto de que humanidade e tecnologia se encontram estreitamente ligadas entre si que poderemos nos questionar acerca da “realidade do virtual” e da “virtualidade do real”, procurando respostas não para o que o sujeito produz, mas para de que modo o sujeito é produzido nessas práticas e discursos (RALEIRAS, 2007).

Nas comunidades virtuais, os usuários dispõem de condições tecnológicas para construção e promoção de um lugar de fala a partir do qual podem se reconhecer e serem reconhecidos como sujeitos. Por essa razão, Dal Bello (2009, p. 2) afirma que “o perfil circunscreve o sujeito e equivale ao corpo como instrumento dinâmico de individuação, pois ao passo que o diferencia dos demais, identifica-o”, constituindo assim uma **identidade-perfil**.

As narrativas nos diários virtuais são uma tentativa de resgate da singularidade do eu, frente a uma condição de descentramento do sujeito na contemporaneidade. Para Tavernari (2008), o autor do diário se esforça para criar coerência em um turbilhão de imagens que apresentam-se instáveis, criando uma identidade que acredita ser (a mais) autêntica. Por meio desse processo, ele (o autor) deixa escapar elementos do outro que fazem parte de si, transparecendo a necessidade de busca da alteridade na formação de comunidades virtuais.

Nessa direção, Dal Bello (2009) afirma que a necessária (ou desejada) congruência entre identidade e perfil fica patente quando se faz uso do sistema de busca de usuários do Orkut para encontrar um conhecido em meio à miríade de perfis. Ao responder aos questionários do Orkut no processo de construção e atualização do perfil, o sujeito-usuário circunscreve-se “[in]formando-se” nas respectivas páginas, ao mesmo

tempo em que, como conjunto de informações, torna-se parte do conteúdo da plataforma e, por isso, pode ser por ela identificado, indexado e classificado a qualquer tempo e de qualquer modo.

O potencial de representação – e, portanto, identificação e indexação – é tão flagrante no Orkut que o usuário, quando sabedor da vulnerabilidade a que se sujeita no ciberespaço, pode lançar mão de subterfúgios para [dis]simular sua identidade. Ele pode “camuflar” seu perfil por meio da omissão (quando o usuário não preenche determinados campos das enquetes de construção/atualização) e/ou “despistamento” (quando, por exemplo, o usuário escreve seu nome com caracteres especiais, o que dificulta a busca, ou o troca por um apelido) (DAL BELLO, 2009).

Outro desdobramento possível pode ser vislumbrado ao se compreender que se está inserido em um espaço de alta visibilidade midiática. Sob a chancela do olhar do outro, que o legitima, o sujeito-usuário tende à **ficcionalizar** (simular) suas identidades, configurando o seu reflexo de acordo com o que deseja projetar. A simulação, diferentemente da dissimulação, “põe em causa a diferença do ‘verdadeiro’ e do ‘falso’, do real e do imaginário”, do perfil verdadeiro e do *fake* (DAL BELLO, 2009).

Uma imagem representa, no sentido bem simples de que ela torna presente qualquer coisa ausente, pois não representamos aquilo que está presente, representamos o que está ausente. Por esse motivo, é que no ciberespaço “aquilo que impede a transposição da alteridade física é o que, graças à ausência original do corpo, possibilita (e requer) que se reconstrua e encene o eu” (p. 8). Dal Bello (2009) afirma ainda que:

“Isso leva a uma reflexão sobre si e põe em tensão auto-imagem e imagem social; na hiper-realidade espetacular da simulação, dá margem à experimentação do eu como um personagem e também à criação de personagens diversos, desgarrados da realidade ordinária cotidiana sem deixar de emanar de uma mesma subjetividade. [...]. O caráter lúdico da representação no cyberspace [...] pressupõe o fascínio da ‘dissimulação da realidade e a simulação de uma realidade outra’ que convida o espectador a acreditar em ‘um real mais real do que o real’ (p. 12).

Diante disso, a partir do fenômeno da (re)representação derivam as aparições-presenças que efetivamente, ainda que de forma intermitente, povoam as comunidades virtuais de relacionamento. Daí resulta a compreensão de que a exclamação bastante comum “Te achei no Orkut!”, não só testemunha a congruência entre identidade e perfil, como atesta a percepção generalizada de que encontrar o perfil é encontrar o

outro. Estar no Orkut, ainda que por “simples” passatempo, é aceitar o convite para participar do processo de colonização do tempo real (DAL BELLO, 2009).

3. Caminhos trilhados: acessando os discursos de um sujeito plugado

A importância da linguagem na constituição do mundo social tem sido um ponto de convergência na literatura das ciências humanas. Já nas últimas décadas do século passado, especialmente com a emergência das abordagens construcionistas, assistimos a uma reação ao representacionismo na sociologia do conhecimento, com a desconstrução da retórica da verdade, e na política com a busca do “empoderamento” de grupos situados fora dos centros. Esses movimentos refletem uma ampla reconfiguração da visão de mundo própria da nossa época (ORLANDI, 2003; SPINK, 2000; GILL, 2004).

A abordagem denominada análise do discurso, que em sua vertente francesa é conhecida como AD e que se desenvolveu a partir da perspectiva de Michel Pêcheux (2002), postula que as condições de produção dos discursos são definidas pelos lugares ocupados pelo emissor e receptor na estrutura de uma formação social. Pêcheux (2002) trata ainda da linguagem como uma forma material da ideologia fundamentalmente importante. O termo discurso enfatiza a natureza ideológica do uso lingüístico, mostra os efeitos da luta ideológica no funcionamento da linguagem e, de modo inverso, a existência da materialidade lingüística na ideologia.

A segunda geração da análise de discurso na tradição francesa passou a caracterizar o discurso como possuidor de heterogeneidade constitutiva, de propriedades inerentes ao dialogismo e intertextualidade. As vozes imprimem ao discurso seu caráter plural, compreendem os diálogos, negociações que se processam na produção de um enunciado, aqui entendido como uma seqüência verbal estruturada em uma língua. Esses diálogos antecedem os enunciados, fazendo-se neles presentes no momento de sua produção, já que o próprio falante é sempre um respondente em maior ou menor grau.

A delimitação de uma **formação discursiva** tornou-se instável, não se tratando de um limite do que está no seu interior ou no seu exterior, mas um limite entre diferentes formações discursivas que se altera de acordo com o que está em jogo nas diferentes lutas ideológicas. As produções de linguagem de um indivíduo, portanto, realizam-se necessariamente na interação com a intertextualidade, em suas dimensões sociais sincrônicas e históricas, com traços de construções conceituais e discursivas daqueles que o antecederam, o que confere a estas produções um caráter de construção sócio-histórica (MAINGUENEAU, 1997; SPINK, 2000; FAIRCLOUGH, 2001).

Quanto à categoria da *formação discursiva*, Charaudeau e Maingueneau (2008) apontam para uma definição que a aproxima da idéia de conjuntos de enunciados associados a um mesmo *sistema de regras* historicamente determinadas. Nessas formações, as posições políticas e ideológicas se organizam em “formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação” (Ibid, p. 241) e nos indivíduos, uma vez que é em uma formação discursiva que podemos observar o “assujeitamento”, a “interpelação” do sujeito como sujeito ideológico.

As formações discursivas compõem um conjunto de enunciados sócio-históricos relacionados com uma identidade enunciativa. Nessas formações, “somente uma parte do dizível é acessível, [uma vez] que esse dizível forma um sistema e delimita uma identidade” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 242). Os autores apresentam duas concepções distintas que servem para ilustrar o “funcionamento” de tais formações: a contrastiva e a interdiscursiva. A primeira, opera colocando em situação de oposição discursos constitutivos de diferentes campos. Por sua vez, a segunda coloca em relevo a intersecção de discursos diferentes em torno de uma mesma formação. Ambas delimitam “o que pode e deve ser dito” (Ibid, p. 241) a partir de uma posição socialmente constituída. Segundo Pêcheux, “uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente ‘invadida’ por elementos provenientes de outros lugares [...] (outras formações discursivas) que nela se repetem, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais” (PÊCHEUX, 1983, p. 297 apud – CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, 241). A partir de Pêcheux e da escola francesa da análise do discurso, entendemos que:

uma formação discursiva não produz o “assujeitamento” ideológico do sujeito do discurso a não ser na medida em que cada formação discursiva está de fato dominada pelo interdiscurso – o conjunto estruturado das formações discursivas – em que se constituem os objetos e as relações entre esses objetos que o sujeito assume no fio do discurso” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 287).

A formação discursiva é caracterizada pela dissimulação, escondendo o fato de que o discurso que “se fala” é algo anterior e independente. Uma fala é atravessada por elementos que inibem aquilo que não deve ser dito, deixando na superfície construções sociais plausíveis para ocasiões previamente determinadas.

3.1 *O corpus do estudo*

Para acessar nossos perfis-informantes, estabelecemos um contato prévio com os dois usuários descritos no início do texto. Eles fazem parte do ciclo de amizade dos autores e se dispuseram a colaborar com a pesquisa, abrindo a intimidade do seu perfil

no *Orkut*. As observações foram realizadas em dois dias diferentes para cada usuário. Os autores acompanharam os acessos e fizeram perguntas sobre os diversos recursos do software social e como eles são utilizados.

Além da análise dos conteúdos manifestos nos perfis, foram realizadas quatro observações participantes com os usuários a partir das quais extraímos relatos sobre a relação da pessoa com o site, do sujeito com o perfil. Trechos desses diálogos foram transcritos e colocados ao lado de observações realizadas pelos autores compondo um relato de campo. A análise dos dados será dividida por perfil e por categoria da análise do discurso. No interior de cada sessão estarão presentes as relações estabelecidas entre os usuários e os recursos do *Orkut* listados acima.

4. Desvendando nossos perfis: um esboço de análise

4.1 O acesso de C.M.

Nossa informante acessou o *Orkut* durante uma manhã sem atividades profissionais. O acesso durou cerca de quarenta minutos. Após o login, C.M. observou sua **página inicial** (no *Orkut*, chama-se “Início”) e observou a quantidade de recados, as atualizações dos seus amigos e os convites para novas amizades. Ao examinar a **página de recados**, ela apaga aqueles mais antigos para evitar que os outros saibam das “coordenadas do seu roteiro”. Lê os mais recentes e responde se for o caso. Deixa apenas um recado enviado por uma amiga (real e virtual) que descreve o significado do seu nome.

Volta à página inicial e observa os **convites de amizade** enviados recentemente. Um deles é de uma amiga do “mundo de cá” que quer estreitar os laços e manter o contato também no mundo virtual. O segundo convite é de um homem aparentemente desconhecido. Antes de aceitar ou negar o convite, ela acessa o seu perfil e observa que eles possuem amigos em comum (o próprio site elenca os perfis de amigos em comum); C.M. afirma que tenta investigar no *Orkut* os perfis “desconhecidos”, vendo quais são as conexões que existem entre ela e os demais. Muitas vezes, são familiares distantes que nem se conhecem pessoalmente; outras vezes, são amigos de amigos que desejam ampliar os laços de “amizade”.

Em relação aos **depoimentos**, ela estabelece duas relações: a mais tradicional, expondo um “sentimento” em relação a um “amigo” e outra mais funcional, trocando recados sigilosos entre amigos, já que os depoimentos só aparecem publicamente no perfil do usuário após aceitação do mesmo. Os depoimentos que são enviados com mensagens reservadas são apagados após a leitura. Os depoimentos “de coração” são

mantidos com certo orgulho, afinal “reproduzem o que eu sinto e o que os meus amigos [os dela] sentem por ela”. Os depoimentos que ela escreve surgem “quando a inspiração vem mesmo, demonstra afeto verdadeiro”. Para nossa informante, o relacionamento virtual não exclui outras formas de comunicação. Ela indicou que: “mando recado e ainda ligo, e se puder ainda falo pessoalmente. O *Orkut* não é uma fonte de comunicação exclusiva”.

Outra ferramenta disponível no *Orkut* são as **atualizações** dos amigos que aparecem na sua página inicial. A partir delas, C.M. acessa fotos e observa “as últimas” dos amigos. Nesse momento, ela vê as fotos da turma de Medicina que está se formando e busca os “amigos” nas fotos. O **álbum de fotos** serve para compartilhar as impressões dos momentos vividos junto aos amigos. Fotos que mostram “um pouco do que eu gosto”. Algumas fotos foram excluídas após um período de utilidade (troca entre amigos, exibição de um evento particular, uma viagem, comemoração de aniversário). Um dos álbuns contém a sua foto para o convite de formatura que escolhida por “voto popular” (só os seus amigos podem acessar seu álbum e comentar a foto), resultando na escolha da “melhor” foto que a representa.

Ao **adicionar comentários nas fotos** de um amigo que está se formando, coloca uma expressão semelhante a “quem vê, pensa que é sério!”. A brincadeira entre amigos demonstra a sua idéia de que as fotos postadas no site representam uma projeção de nós mesmos, ao escolher as “melhores” fotos colocamos nosso melhor ângulo na tela, deixando do “lado cá” nossas imperfeições e os ângulos menos favorecidos. Durante nosso encontro, C.M. acessou a **comunidade** “Discografias” (comunidade voltada para “baixar” músicas, na verdade “discos” inteiros no formato mp3). Nossa informante possui apenas quatro comunidades. Ela alega que “não fica procurando comunidades, é algo que procura muito pouco”. As comunidades que participam são pequenas, geralmente de grupos mais íntimos. Elas representam seu gosto musical, grupos sociais que participa e um grupo mais engraçado indicado por uma amiga próxima.

Ao acessar seu **perfil** (interface pública do usuário), indago sobre sua resposta ao item “Quem sou eu”. Ela preencheu a lacuna com “...” e afirma “se eu fosse definir alguma coisa iria ficar igual ao que todo mundo coloca e se fosse ser muito específica talvez me expusesse muito”. O seu posicionamento entre a exposição e a reserva indica uma precaução de manter os limites da sua vida exposta na tela. A reserva quanto à exposição está relacionada ao medo de violência no “mundo real” “porque tem muita gente doida por aí, medo de violência mesmo, de algum louco acompanhar minha vida,

de saber para onde vou, os encontros marcados, o lugar onde moro”. O medo da violência urbana que circunda o seu (o nosso) cotidiano também incide sobre as comunidades virtuais. Nesse caso, ela tenta manter o controle sobre a exposição, eliminando possíveis ameaças a sua integridade física no mundo de fora.

Os seus trezentos e vinte e cinco **amigos** são “pessoas que me [a] conhecem muito bem, amigos próximos. As mensagens que trocamos são coisas que significam muito pra mim, piadas internas que ninguém de fora entende”. Alguns dos perfis são pessoas que “tentam forçar a barra, forjar um relacionamento que não existe tão intensamente”. Ela suspeita de usuários que possuem muitos amigos, alegando que não é possível você ser amigo de muitas pessoas “verdadeiramente” (o *Orkut* limita a quantidade de “amigos” a novecentos e noventa usuários. Algumas pessoas já possuem o já tradicional “perfil 2”, somando mais de mil “amigos”).

4.2 O acesso de A.F.

A.F. utiliza o site apenas para contatar as pessoas que conhece, mas que durante o dia-a-dia não é possível encontrar por falta de tempo. Ao visitar sua página, ele busca recados recentes para responder e observa se há algum amigo on-line, alguém aniversariando naquele dia e as atualizações de seus amigos. Cumpre uma rotina básica de acompanhar as novidades expostas na **página inicial**. Quanto aos seus **recados**, A.F. prefere apagá-los para preservar sua privacidade, uma vez que o Orkut é frequentemente utilizado como um e-mail mais personalizado, uma vez que você pode observar os rostos e as imagens do destinatário. Por outro lado, ao ser questionado sobre o porquê de não apagar também os recado de sua namorada ele afirmou que essa era uma forma de dizer para ela que as mensagens deixadas em sua página eram importantes para ele.

De modo semelhante aos recados, os **depoimentos** também representam mensagens verdadeiras de amigos mais próximos. Segundo o usuário, “é algo que só deve ser feito para pessoas com quem há um laço mais forte de amizade”. Assim como C.M., ele utiliza a ferramenta dos depoimentos para trocar também para mensagens confidenciais na tentativa de manter sobre o seu controle parte das suas relações que ele pretende não expor.

O perfil de A.F. possui quatrocentos e setenta e três **amigos** e o número representa apenas as pessoas que ele já viu “presencialmente”. São esses os convites de amizade aceitos. A quantidade de amigos parece não impressionar o usuário, ele alega que prefere a qualidade e não a quantidade e deixa claro que conhece pessoalmente a maioria daqueles perfis. Frequentemente, ele observa as **atualizações dos amigos** para

acompanhar os vídeos, fotos e imagens postadas que ele classifica como “interessantes e que não seriam encontrados na [Inter]net com facilidade”. Assim, o *Orkut* passa a servir como uma comunidade de troca de material digital aberta e, ao mesmo tempo, restrita aos círculos de amizade e às participações nas comunidades.

Os **álbuns de fotos** foram criados com a intenção de que seus amigos o conheçam melhor por meio da exposição de momentos particulares tornados públicos. Ele adiciona comentários nas suas fotos e nas dos seus amigos e sente-se gratificado quando os recebe. A “gentileza” é retribuída com um recado e dessa forma o contato com outros perfis é sempre prolongado em torno de um artefato do site. Alguns *vídeos* foram postados para compor um arsenal de memórias que compõem os gostos do seu perfil. Na sua maioria, são vídeos engraçados, “para relaxar” e que ajuda seus amigos na descoberta de suas preferências.

As composições que compõem esse mosaico de preferências poderiam ser incoerentes no mundo real, mas que no espaço do *Orkut* cumprem o papel de demonstrar aos outros aquilo que o sujeito considera representativo de suas diversas identidades. Nesse sentido, a constelação de comunidades (A.F. possui cento e oitenta e quatro) representa a possibilidade de vivenciar o descentramento e ocupar diversas posições de sujeito na órbita do *Orkut*.

4.3 Os discursos encenados

Os **sistemas de regras** identificados por meio dos acessos ao *Orkut* demonstraram algumas normas presentes nessa comunidade que são socialmente determinadas. As sanções desses sistemas são sociais e os acordos entre os perfis são firmados cordialmente. Isso pode ser evidenciado no momento em que os entrevistados afirmaram que utilizam a ferramenta dos depoimentos como um canal privado de comunicação, ou seja, espera-se que o receptor não exponha o conteúdo privado da mensagem. Os usuários presumem manter o controle sobre seus perfis e os relacionamentos que são estabelecidos com outros. Além disso, por mais rápida que seja a interação no *Orkut*, espera-se sempre que os primeiros contatos sejam estabelecidos com breves considerações sobre a finalidade do contato.

As **posições políticas e ideológicas** assumidas pelo sujeito são disfarçadas nas representações dos perfis. Os respondentes deixam claro que expõem apenas os bons momentos de suas vidas. As fotos, as frases, os vídeos, suas descrições e comunidades indicam gostos sérios ou apenas “*for fun*”, tudo isso com a pretensão de representar

uma identidade-perfil, tal como apresentada por Dal Bello (2009), atraente mesmo que inautêntica. As tentativas de tornar o *Orkut* um “lugar” infeliz ou feio são banidas, sob alegações diversas – desde a sanção social como perda de amigos e exclusão de comunidades, até a expulsão da própria plataforma

As **identidades enunciativas** presentes no ambiente virtual emitem apenas parte do dizível, do acessível, e colaboram para a formação de perfis que refletem “ilusões de sujeitos”, o desejo pela construção de um “eu” verdadeiro, ao menos, mais autêntico, como podemos observar no trecho do relato de A.F. quando ele afirma: “eu sei quem eu sou e quantos amigos eu tenho”.

Os jogos e as ilusões implicam numa vivência virtual pautada na dissimulação, uma vez que os perfis podem esconder o que se quer dizer para outros. As polêmicas criadas em comunidades podem ser realizadas anonimamente e os recados mais hostis podem ser enviados por algum perfil *fake* (estes podem ser denunciados pelos usuários e, posteriormente, banidos pelo sistema). Esses disfarces colocam em prova o caráter de autenticidade dos perfis, criações próprias de usuários, por fim, representações montadas para o convívio social em um ambiente artificial.

Devemos considerar que o enunciado de um discurso emitido é uma construção anterior e independente; o sujeito é interpelado por ele(s), resultando na construção de “ilusões de sujeitos”, que acha que fala o que quer, quando quer, expressando um “eu” verdadeiro (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008). O “eu verdadeiro” é reconhecido como uma projeção do nosso “melhor ângulo”, o que pode ser visto. Conforme C.M. comentou em relação ao seu amigo “quem vê, pensa que é sério!”, respaldando as constatações de Tavernari (2008) acerca da tentativa do sujeito em criar (ou estabelecer) uma identidade autêntica, uma identidade enunciativa a partir do qual os discursos são emitidos em meio a um turbilhão de imagens instáveis.

5. Logout: breves considerações

O objetivo deste estudo foi trazer à tona o tema do descentramento do sujeito nos novos espaços de encenação existentes no ciberespaço, assuntos recorrentes nos estudos relacionados à cibercultura. Após o acompanhamento e a análise dos acessos ao *Orkut* dos informantes escolhidos, retomamos a indagação inicial: **como são constituídos os discursos presentes nas vivências ordinárias de jovens no *Orkut*?**

É inegável que a questão do descentramento do sujeito vem ganhando grande atenção nas pesquisas sobre o ciberespaço, influenciando no reconhecimento dos espaços de encenação e das diversas posições de sujeito ocupáveis no ambiente virtual.

A análise dos acessos ao site forneceu uma dimensão compreensiva da relação entre as representações de identidades de cada sujeito, que se apresentam em situações distintas, revelando aspectos importantes a serem considerados na resposta à questão proposta.

Os dois jovens pesquisados fazem uso das ferramentas do *Orkut* como complemento das relações sociais existentes no “mundo de cá”. Ambos acessam regularmente o site, mas fazem questão de manter contato pessoal com os amigos fora do mundo virtual, na medida do possível. Para ambos, o site de relacionamento não é a única forma de comunicação utilizada e há uma preocupação com a privacidade do perfil, demonstrada no bloqueio de recados e fotos e nas poucas informações fornecidas sobre si mesmos. Esse cuidado em se “revelar” no Orkut pode ser interpretado com uma forma de preservação da identidade que se busca encenar no ciberespaço.

No entanto, apesar das regras estabelecidas e do aparente controle do usuário sobre sua página, observa-se que, em algum ponto, o sujeito perde-se no emaranhado da rede virtual, apresentando-se como uma possibilidade de representação em um ambiente de convívio social para o qual constrói uma identidade que pareça autêntica. Nesse sentido, a orientação metodológica da Análise do Discurso evidenciou aspectos relacionados com a formação discursiva no *Orkut* de enunciados constituídos com elementos provenientes das inúmeras “viagens” do sujeito pelos labirintos do ciberespaço, concebidos em decorrência do encontro com o *outro*.

Essas acepções corroboram com as contribuições de Dal Bello (2009) ao afirmar que as comunidades virtuais de relacionamento configuram plataformas hiper-espetaculares de publicação de sujeitos, na medida em que essas comunidades surgem como territórios espectrais, base de apresentação pessoal e vivência tecno-imaginária. Nas comunidades virtuais, os usuários dispõem de condições tecnológicas para construção e promoção de um lugar de fala a partir do qual podem se reconhecer e serem reconhecidos como sujeitos. Por essa razão, o perfil circunscreve o sujeito e equivale ao corpo como instrumento dinâmico de individuação, pois ao passo que o diferencia dos demais, identifica-o.

Nesse sentido, é importante perceber a utilização de *softwares* sociais como *Orkut* como espaços de encenação do sujeito, pois nesses casos não se trata de criar personagens virtuais, mas de construir a sua própria identidade on-line, selecionando o que se mostra e o que se silencia. Esse tipo de *software* convida a uma “apresentação de si” por meio da seleção de imagens, da criação de redes de “amigos”, de possibilidade de encenação de um eu continuamente [re]construído.

Referências

- COOPER, S. **Technoculture and critical theory: in the service of the machine?** Londres: Routledge, 2002.
- DAL BELLO, C. **Da identidade-perfil ao perfil-sujeito: circunscrição e (re)apresentação de personas no Orkut.** Disponível em: <http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Cintia%20Dal%20Bello.pdf> Acesso em: 15 jul. 2009.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FRAGOSO, S. Eu odeio quem odeia... Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na ‘tomada’ do Orkut. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – e-Compós.** ago., 2006, 2-22.
- GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M W.; GASKELL, G. (edt.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2004.
- GROMALA, D. Pain and subjectivity in virtual reality. In: BELL, D.; KENNEDY, B. **The cyberculture reader.** London: Routledge, 2006.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- KRÜGER, F. L.; CRUZ, D. M. **Jogos (virtuais) de simulação da vida (real): o The Sims e a geração Y.** Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/fernandokrugerdulcecruz.pdf> Acesso em 15 jul. 2009.
- MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso.** 3. ed. Campinas, SP. Pontes: Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- ORLANDI, E. P. Vão surgindo os sentidos. IN: _____. (org). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional.** 3 ed. Campinas: Pontes, 2003. 11-25.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento.** 3ª. Ed. Campinas: Pontes, 2002.
- RALEIRAS, M. Recensão da obra “A vida no écran: a identidade na era da internet”, de Sherry Turkle [1997]. **Revista de Ciências da Educação,** 03, pp. 113-116. 2007. Disponível em: <http://sisifo.fpce.ul.pt> Acesso em: 15 jul. 2009.
- RIBEIRO, J. C.. Múltiplas Identidades Virtuais: A Potencialização das Experiências Exploratórias do “Eu”. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0527-1.pdf> Acesso em: 15 jul. 2009.
- SANTAELLA, L. Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço. In: LEÃO, Lucia (org). **Derivas: cartografias do ciberespaço.** São Paulo: Annablume, 2004.
- SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano.** 2. ed. São Paulo: Cortez. 2000.
- TAVERNARI, M. D. D. As representações do sujeito pelos labirintos do ciberespaço. In: **XXXI Congresso da INTERCOM - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Natal: 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1978-1.pdf> Acesso em: 15 jul. 2009.
- ZIZEK, S. **The Plague of Fantasies.** Londres: Verso, 1997.